

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

***BUROCRACIA, PENSAMENTO GEOGRÁFICO REGIONAL
CLÁSSICO E MUDANÇA SOCIAL: RESENHA
BIBLIOGRÁFICA DA OBRA DE FRITZ RINGER: THE
DECLINE OF THE GERMAN MANDARINS: THE GERMAN
ACADEMIC COMMUNITY, 1890-1933, THE UNIVERSITY
PRESS OF NEW ENGLAND, 1990***

Nilson Cortez Crocia de Barros¹

¹Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE. Departamento de Ciências Geográficas. E-mail: nccrocia@ufpe.br

Artigo recebido em 23/07/2019 e aceito em 26/11/2019

‘*The decline of the German mandarins*’ – obra pouco conhecida do público geográfico no Brasil – provocou enorme impacto na audiência interessada nas circunstâncias vividas pela educação superior, pela burocracia acadêmica, pelos estilos de ciência e pelo poder institucional no ambiente universitário durante o amplo processo de reestruturação social ou modernização que teve lugar do fim do século XIX e ao longo do século XX.

No mencionado período, de expansão acelerada dos imperialismos europeus, foi se avolumando no tecido social do velho continente a classe média administrativa a serviço dos governos, usualmente, na literatura especializada, chamada de classe dos “mandarins”, isto numa evocação da experiência institucional e imperial chinesa antiga. No topo destes funcionários – quer dizer, dos mandarins modernos – situava-se o *scholar* acadêmico.

O sucesso da obra de F. Ringer, e o permanente interesse despertado pela mesma, claramente se justificam, vez que, em maior ou menor medida, com maior ou menor intensidade, mais cedo ou mais tarde, os ambientes universitários com herança ou mesmo traços da tradição mandarim aristocrática haveriam de ser afetados pelos processos e eventos expostos e analisados nesta obra por Fritz Ringer na Alemanha desde o final do século XIX até os anos que antecedem à 2ª Guerra Mundial. Em 1918 a Republica de Weimar substituiu a Monarquia

germânica, abrindo campo para a crença na “soberania popular” e para a alteração nos padrões de poder, gestão e carreira nos ambientes universitários onde a Geografia começava a prosperar.

Fritz K. Ringer nasceu em Ludwighafen, Alemanha, em 1934, e aos 15 anos emigrou conduzido pela família para os Estados Unidos, aonde veio a descrever notável carreira acadêmica. Duas outras obras – *Education and Society of Modern Europe* (1979) e *The Rise of The Modern Educational System* (1987, em co-edição) – revelam a sua permanente atenção ao tema das relações entre as mudanças sociais, a disseminação da sociedade de massas, a educação e as burocracias correspondentes.

A própria Sociologia de Max Weber – na qual se inspira –, sugere Ringer, poderia ser interpretada como uma reação subjetiva e “adaptativa”, “racional” e “científica”, digamos assim, às mudanças severas que estavam tendo lugar nos ambientes universitários germânicos provocadas pela implantação da modernização ou popularização administrativa. A Sociologia representava uma tentativa ou reação “intelectualizada” para entender e se conciliar com o mundo movente e complexo que estava sendo vivido academicamente pelo velho *scholar* mandarim: um mundo institucional crescentemente dominado pelas assembleias, pelos burocratas indiferenciados e sem peculiaridades, sem aspirações de distinção e individualidade, e escolhidos pelas maiorias. Outros *scholars* reagiam às mudanças apenas com desprezo e rancor, repelindo-as radicalmente, e também existiam aqueles que aderiam às “inovações republicanas” com grande interesse e entusiasmo.

Quais, podemos perguntar – para além, claro, do valor do livro para os estudiosos da educação universitária em geral – poderiam ser as razões justificadoras de um interesse especificamente relevante para com este trabalho partindo daqueles que se dedicam à Geografia?

Em primeiro lugar, o livro é uma meticolosa investigação do contexto histórico, social e institucional universitário no qual se dá a emergência e fixação da Geografia Moderna. Dizendo-o de outro modo, a institucionalização da Geografia na Alemanha – a criação do primeiro curso de Geografia na Europa e no mundo – se desencadeia justo quando o modelo da tradição universitária herdado do período imperial e romântico está fixado, e então se inicia o seu longo, tortuoso e controverso processo de declínio.

Trata-se do declínio do professor acadêmico que Ringer identifica como a elite do “mandarim germânico”, o *scholar* tradicional herdeiro do padrão espiritual humboldtiano (Barão F. A. Humboldt, 1769-1859) e de Goethe (1749-1832), homens estes que possuíam um “senso de proximidade do trono”, homens de uma época referida como os “tempos puros ou

não corrompidos”, os “tempos ideais” de antes do advento das sequelas da modernidade: o materialismo, o utilitarismo tecnicista, a militância, o desprezo pelas referências clássicas e o capitalismo da sociedade industrial, mecânica, consumista e de massas.

Observando o pós 2ª Guerra na Alemanha Ocidental, ou seja, completadas as modernizações pelo capitalismo e iniciada uma pujante recuperação econômica, Ringer afirma que a tradição mandarim nas universidades parecia haver se tornado realmente um “patrimônio” histórico. Não obstante, saudosos emitiam clamores de se formarem associações para cultivar a boa música, o pensamento de Goethe e dos clássicos germânicos, reunindo-se em igrejas quando possível em todo o território, recriando-se o espírito genuíno comunitário que nutria a “ideologia mandarim”, que pode ser entendida como uma espécie, digamos, de “espírito público germânico”. Mas, segundo Ringer, uma severa exaustão ideológica e as novas perspectivas da melhoria pessoal, econômica e social trataram de enterrar o assunto.

Em *segundo lugar*, a solução epistemológica da “síntese” (Barrows, 1923; Boas, 1887; Ratzel, 1876; La Blache, 1954), o coração conceitual da primeira face moderna da Geografia, a sua face na institucionalização como disciplina que é a Geografia Regional Clássica, ela, na sua forma melhor elaborada, é parte da ortodoxia ou credo mandarim. O conceito de Região – cujo grande divulgador no Brasil foi Delgado de Carvalho (Barros, 2008, 2018; KOHLHEPP, 2015) – foi reelaborado quando da institucionalização com base na ideia da síntese e da metáfora musical sinfônica. Não custa lembrar o papel relevante da música na identidade alemã (Potter, 2015).

A Antropogeografia ou Geografia Cultural ou Humana emergirá institucionalmente no contexto exposto pelo autor, e incorporará as cicatrizes da época (Barros, 2016a,b). Ringer descreve alguns dos traços notáveis que marcaram o estilo do *scholar* germânico que enfrentou tão criticamente as modernizações e a equalização burocrática da sociedade de massas; os traços nos remetem aos moldes formadores da Geografia Regional da institucionalização, chamada Geografia Clássica ou Tradicional.

O *scholar*, necessariamente um homem cultivado, ele mesmo se constituía numa personalidade singular e numa obra de arte resultante do esmero da educação recebida. Ele deveria ter a sua individualidade realçada; ele deveria perseguir o autodesenvolvimento da prefiguração inata que ele trazia da sua própria perfeição subjetiva (p.108). Ele não era um “mais um” numa horda militante, um “indiferenciado” ou uma “peça” quase sem nome no mecanismo burocrático universitário da sociedade de massas a executar procedimentos administrativos.

O mandarim *scholar* – oriundo da classe média talentosa – representava o topo de uma aristocracia, a chamada aristocracia da cultura ou da inteligência; o mandarim *scholar* era a elite educada, a classe culta. Cabia e ele construir, rotinizar e imprimir eminência à auto narrativa pública da nação ou da região a partir das suas fontes culturais. As outras duas aristocracias eram, naturalmente, aquela por nascimento e a outra por dinheiro.

O *scholar* deveria cultivar o espiritualismo, o idealismo, possuir uma capacidade de consciência transcendental, de modo a entender que na Totalidade Divina repousaria a nossa dignidade como “seres humanos” (p.95). O *scholar* seria uma unidade, concebido como um “homem integral”. As regiões, as nações, os contornos territoriais deste tipo poderiam se entendidos como “Todos Personalizados” concebidos “sinfonicamente” (p.102, 117).

O *scholar* mantinha-se crítico das “especializações”, dos “especialistas”, das pedagogias utilitárias e técnicas e das atitudes empiricistas, cultivando ele os métodos históricos compreensivos e integrados nas análises econômicas e sociais. O mandarim *scholar*, convicto da solidez da sua formação clássica, não era portador do “complexo” de querer tornar tudo “científico” – até a religião! – que caracterizou o período da difusão da sociedade mecânica e de massas. Ele se reconhecia na herança Greco-Romana, no Cristianismo e no Iluminismo.

O mandarim *scholar* não era “treinado”, “instruído”, “adestrado”, nem “especializado”. Ele era “classicamente cultivado” na experiência educacional da busca da sabedoria, da arte, do conhecimento e da contemplação filosófica, inclusive no campo da moral – os modernos reduziriam a filosofia à lógica (metodologias científicas/epistemologias) –, de modo que a experiência formativa do mandarim *scholar* afetava todo o conjunto da sua própria personalidade.

A universidade, tida como responsável pela condição moral da nação, representava para o mandarim um “santuário”, onde o *Geist* jamais, nunca, de modo algum, deveria renunciar ao nível teórico para se reduzir às coisas muito especializadas e práticas. Haveria um casamento entre o *Geist* e o estado, entre o estado “cultural” e a universidade. Poucos seriam os liberais entre os mandarins *scholars*.

O trabalho possui tradução recente para o Português promovida pela Editora da Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, N. Especiação, região, progresso e política cultural na Antropogeografia de F. Ratzel. **Geografia**, Ageteo/Unesp, Rio Claro/SP, v.31, n.3, p.455-467, 2006a.

- BARROS, N. Império, burocracia e interdisciplinaridade como contextos da Antropogeografia de F. Ratzel. **Geografia**, Ageteo/Unesp, Rio Claro/SP, v.31, n.1, p. 185-198, 2006b.
- BARROS, N. Delgado de Carvalho e a Geografia no Brasil como Arte da Educação Liberal. **Estudos Avançados**, IEA/USP, São Paulo, 62, p.317-334, 2008.
- BARROS, N. O Pensamento Regional e a Estrutura da Geografia: apreciação historiográfica. **Geografia**, Ageteo/Unesp, Rio Claro/SP, v.43, n.2, p. 350-357, 2018.
- BARROWS, H. Geography as Human Ecology. **Annals of The Association of American Geographers**, 13 (1): 1-14, 1923.
- BOAS, F. The study of Geography, in: AGNEW, L.; LIVINGSTONE, D.; ROGERS, ed. **Human Geography: an essential anthology**. London: Blackwell Publ., 1996, pp.173-180 (orig. publ. 1887).
- KOHLHEPP, G. Pioneiros brasileiros nas pesquisas geográficas de desenvolvimento regional: Orlando Valverde e Hilgard Sternberg. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v.3, n.1, p.27-54, 2015.
- LA BLACHE, P. **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.
- POTTER, P. **A mais alemã das artes: musicologia e sociedade da República de Weimar ao fim da era nazista**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- RATZEL, F. **Sketches of Urban and Cultural Life in North America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988 (orig. publ. 1876).